

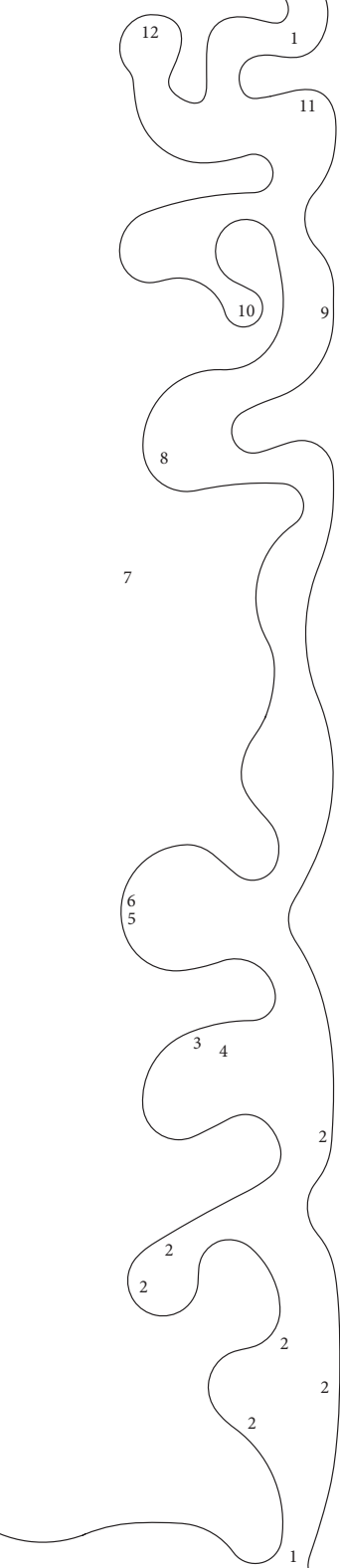


Exposição temporária
Piso -1

Joana Escoval
Mutações. The Last Poet

13/02-19/04/2020

Curadoria de Pedro Lapa



1. Spirit Trail, 2020
Madeira

2. The snakes talking without words, 2020
Metais

3. Living Metals, 2017
Vídeo, 13' 53". Som em colaboração com
Nuno da Luz

4. Living Metals III, 2020
Pedra vulcânica, metais

5. I would rather be a tree, 2017-20
Metais

6. I would rather be a storm, 2020
Metais

**7. My breath aligned with the breath of the animal
and our breath aligned with the wind, 2020**
Vídeo, 36'

8. Living Metals IV, 2020
Pedra vulcânica, metais

9. Fiducia incorreggibile, 2020
Prova cromogénea

**10. In dream, I often see them destroying the entire
forest as they search for it, 2020**
Ouro, pena, ramo

**11. I am molten matter returned from the core of
the Earth to tell you interior things, 2020**
Rocha vulcânica, bronze

**12. All the food they shared with each other came
from the forest, and the nearby rivers and streams,
2020**
Vídeo

Joana Escoval nasceu em Lisboa em 1982. Estudou Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e na Accademia di Belle Arti di Firenze. Viveu na Madeira, em Florença, em Nova Iorque e em Berlim. Foi distinguida na edição de 2012 com o Prémio BES Revelação, e foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento em 2013. Fez residências artísticas na Halfhouse de Barcelona em 2011; na Residence Unlimited de Nova Iorque entre 2013 e 2014; e na Fiorucci Art Trust, em Stromboli, em 2015. A sua primeira exposição individual ocorreu em 2010 (*Onde no mundo inteiro / Where in the entire world*, Tapada das Necessidades, Lisboa). Durante esta década, tem exposto individualmente e em grupo por todo o mundo, destacando-se os últimos projetos em Milão, Londres, Barcelona, Dubai, Nápoles, Atenas ou Lisboa.

A prática artística de Joana Escoval estabelece uma relação idiossincrática com a natureza na qual a ideia de transformação é central aos processos que as suas esculturas e instalações convocam. É notório como nestas tudo está prestes a desaparecer ou a sofrer uma transformação contínua, ainda que por vezes a perceção destes fenómenos não seja imediata ou visível num curto período. No seio da polaridade entre matéria e energia, recortam-se estes trabalhos, oscilando e afastando-se sempre daqueles limites. O fluxo inerente aos seus processos revela-se, assim, a substância central que agrega os diversos elementos articulados pelos dispositivos engendrados por Joana Escoval. Se estes suscitam múltiplas relações, a rede que estabelecem uns com os outros, ou seja, as esculturas com os filmes, com os objetos, com os sons, bem como a instalação com o observador, parecem trabalhar uma incomensurabilidade cósmica que se inscreve em cada elo desta cadeia.

Esta exposição trabalha o próprio espaço expositivo como meio. Trata-se de uma instalação que habita e transforma a arquitetura das galerias do piso -1 do Museu num contínuo de curvas orgânicas, como uma pele de um organismo, e que solicita uma deambulação no interior das quais o encontro com as esculturas, os vídeos, as rochas vulcânicas, os sons, os fios metálicos condutores de tensões e energias se encadeiam uns nos outros. Tal ocorre através dos nossos passos e perceções num fluxo oscilante e sem a linearidade do percurso expositivo habitual,

já que este espaço é sujeito a bifurcações e vaivéns mais ou menos pronunciados, sem que o seu final seja visível e antecipável.

Nenhum destes dispositivos (instalação, esculturas, elementos minerais, vídeos, fios metálicos, fotografia, som) supõe sistemas autossuficientes suscetíveis de gerar a estabilidade de um sentido. Estabelecem as suas lógicas específicas através da interação das matérias e dos seus posicionamentos, produzindo significações próprias, mas, como remetem para a manifestação desse fluxo energético contínuo, encadeiam-se através da articulação que o percurso pelo dispositivo da exposição suscita e da manifestação de um excesso que a cada passo revelam. Este excesso, ou esta incomensurabilidade, convoca uma poética da matéria oriunda de uma dimensão processual e descentrada de uma referencialidade, de uma subjetividade ou mesmo textualidade. Dissipa qualquer linha divisória entre o humano e o não-humano, reenviando para uma infinita tangibilidade e afetação dos diferentes regimes de vida do próprio cosmos.

Em muitos destes trabalhos, estão indexadas ou mesmo fundidas anteriores formas de vida ou outros usos que da intimidade de um tempo passaram para a abstração de uma forma que se associa a outras matérias ou circunstâncias e que das primeiras apenas guarda a matéria. É o caso de *In dream, I often see them destroying the entire forest as they search for it*, em que a pena de um periquito libertado enrolada pelo fio de ouro simultaneamente conserva a memória de outra vida e define um outro tempo intangível; ou de *I am molten matter returned from the core of the Earth to tell you interior things*, em que o tronco de árvore encontrado à beira-mar com colónias de crustáceos passado a bronze assume outro regime de vida enquanto objeto de contemplação numa galeria, e a sua tangibilidade a uma rocha de lava supõe a circunstância de um outro sedimento deste novo regime de vida. Cada matéria guarda uma infinidade de formas e usos tão complexos como um regime de vida, e a maior parte daqueles estão para sempre perdidos no esquecimento ou fossilizados noutro sedimento. No entanto, Joana Escoval não trabalha como uma arqueóloga: aquilo que a motiva e que o seu trabalho persegue é o incessante movimento de transformação que se desprende de um sistema para gerar outro, como a sua mais profunda poética... *the last poet*.

Capa: *Fiducia incorreggibile*, 2015. Prova cromogénea. Cortesia da artista.

Serviço Educativo

Visitas orientadas e atividades para escolas e famílias

Marcações e informações

213 612 800

servico.educativo@museuberardo.pt

www.museuberardo.pt/educacao

Visitas orientadas

29 de fevereiro, 14 de março, 18 de abril (sábados) | 16h00

Sem marcação prévia |

Participação gratuita

Catálogo da exposição

Catálogo bilingue (co-edição Museu Coleção Berardo / Sistema Solar), com ensaio curatorial, textos de Pedro Barateiro e Pedro Neves Marques, e documentação fotográfica integral da exposição. Disponível no início de abril

Partilhe a sua visita

@museuberardo

#museuberardo

Museu Coleção Berardo

Siga-nos



[/museuberardo](https://www.instagram.com/museuberardo)



Mecenas:



Apoios à exposição:

